

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
CURSO DE DANÇA – BACHARELADO

Ana Júlia Rodrigues Nunes

**RONDOPIAR TERRA CORPAR: CRIAÇÃO EM VIDEODANÇA A
PARTIR DO CORPO QUE EXPERIENCIOU O PROJETO RONDON**

Santa Maria, RS.
2021

Ana Júlia Rodrigues Nunes

**RONDOPIAR TERRA CORPAR: CRIAÇÃO EM VIDEODANÇA A PARTIR DO
CORPO QUE EXPERIENCIOU O PROJETO RONDON**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Dança - Bacharelado, da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial para aprovação na disciplina Laboratório de Técnica, Criação, Composição e Performance em Dança I.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Naim Haddad

Co-orientadora: Prof^a. Dra. Silvia Susana Wolff

Santa Maria, RS.
2021

Ana Júlia Rodrigues Nunes

**RONDORIAN TERRA CORPAR: CRIAÇÃO EM VIDEODANÇA A PARTIR DO
CORPO QUE EXPERIENCIOU O PROJETO RONDON**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Dança -
Bacharelado, da Universidade Federal de
Santa Maria, como requisito parcial para
aprovação na disciplina Laboratório de
Técnica, Criação, Composição e
Performance em Dança I.

Aprovado em 10 de fevereiro de 2021.

Santa Maria, RS.
2021

“Dedico este trabalho a todos que me motivaram a seguir meus passos na dança, e a todos que virão a trilhar este caminho.”

AGRADECIMENTOS

O suspiro antes de pisar no palco, naquele momento em que se passa todos os anos de trabalho que irá durar aquele finito de tempo que o corpo transborda. Acredito na magnitude do processo, o escalar a montanha em cada desafio, em cada passo, em cada detalhe, em cada conquista, desfrutando de cada momento. Chegar ao fim da jornada é gratificante e me dá energia para mais picos e montanhas, no entanto nada seria possível e intenso se eu não estivesse rodeada de pessoas e energias que me motivam.

Agradeço aos meus pais, Angélica e Osvaldo, pela vida e por me apoiarem em todos meus sonhos. Ao meu irmão, José Henrique, pela parceria e por me lembrar que sempre terei o que melhorar como pessoa. Agradeço a minha família que sempre entendeu minha rotina corrida e guardou um espacinho para quando eu chegasse.

Agradeço a minha professora de ballet, Bia Isaia, por me ensinar muito além de passos de dança. Agradeço também às minhas colegas de ballet que acompanharam meus passos dentro e fora do ballet.

Agradeço ao movimento escoteiro, aos escotistas pelos ensinamentos, aos amigos de Alcateia, Tropa e Clã por vivermos momentos tão especiais juntos, por cada desafio e conquista. Agradeço aos amigos que o movimento escoteiro me proporcionou, que fizeram distâncias se tornarem pequenas diante de tanto afeto e apoio.

Agradeço aos meus colegas do Rondon, pelos dias e amizades que me ensinaram tanto, de todas as demandas, a demanda de gratidão é a maior de todas. Agradeço também aos professores e ao sargento que me acolheram e me acompanharam na operação João de Barro. Agradeço ao povo de Santa Rosa do Piauí por tudo que me ensinaram e principalmente pelo carinho que recebi.

Agradeço às minhas colegas e amigas, Allana, Giullia e Isadora que estiveram comigo durante a graduação construindo um afeto lindo. Agradeço às minhas parceiras da turma de Trabalho de Conclusão de Curso por toda a força que unimos para enfrentar este ano.

Agradeço aos professores da UFSM, por serem profissionais que me levaram a novos conhecimentos, agradeço especialmente ao orientador Prof. Dr. Luiz Naim Haddad e a co-orientadora Prof. Dr. Silvia Wolff por me acompanharem neste trabalho.

Agradeço ao meu irmão José Henrique, a minha amiga de infância Veronica e meu amigo Otávio por terem gravado a minha videodança com tanta felicidade. Agradeço a Milena pela dedicação na edição da videodança e ao Daniel pelo apoio na formatação.

Agradeço pela vida, pelas oportunidades e energias positivas que me deram força e saúde para trilhar novos caminhos, sonhos e principalmente acreditar que posso transformar e realizar.

RESUMO

RONPORIAR TERRA CORPAR: CRIAÇÃO EM VIDEODANÇA A PARTIR DO CORPO QUE EXPERIENCIOU O PROJETO RONDON

AUTORA: Ana Júlia Rodrigues Nunes
ORIENTADOR: Prof. Dr. Luiz Naim Haddad
CO-ORIENTADORA: Prof^a. Dra. Silvia Susana Wolff

A extensão universitária se faz presente na universidade, formando o tripé: ensino, pesquisa e extensão que sustenta o pilar da universidade brasileira. Desta forma o Projeto Rondon vem oportunizar a experiência à comunidade acadêmica de ir para municípios de baixo índice de desenvolvimento, a fim do intercâmbio de conhecimentos, cidadania e conhecimento do nosso país, Brasil. Estive na operação João de Barro no estado do Piauí no ano de 2019, aqui relato essa experiência no Projeto Rondon potencializando observações para a construção de uma videodança a partir de procedimentos de criação em que revisito imagens e gravações e registros escritos de quanto estive no município de Santa Rosa do Piauí-PI.

Palavras-chave: Dança. Criação. Projeto Rondon. Videodança.

ABSTRACT

RONDOPIAR TERRA CORPAR: CREATION IN VIDEODANCE FROM THE BODY THAT EXPERIENCED THE RONDON PROJECT

AUTHOR: Ana Júlia Rodrigues Nunes
ADVISOR: Prof. Dr. Luiz Naim Haddad
CO-ADVISOR: Prof^a. Dra. Silvia Susana Wolff

University extension is present at the university, forming the tripod: teaching, research and extension that sustains the pillar of the Brazilian university, thus the Rondon Project provides the academic community with an opportunity to go to municipalities with a low development index, in order to exchange of knowledge, citizenship and knowledge of our country, Brazil. I was at the João de Barro operation in the state of Piauí in 2019, here I report this experience in the Rondon Project, potentiating observations for the construction of a video dance from creative procedures that revisit images and recordings and written records of when I have been in the municipality of Santa Rosa do Piauí-PI.

Keywords: Dance. Creation. Rondon Project. Videodance.

LISTA DE FIGURAS

Fotografia 1- Equipe	18
Fotografia 2- Paisagem do sertão nordestino.....	24
Fotografia 3- Fruto das árvores	25
Fotografia 4- Capoeira com o menino	26
Fotografia 5- Desenhos	27
Fotografia 6- Os forrós	28
Fotografia 7- Abraços	29

LISTA DE TABELAS

Cronograma	16
------------------	----

SIGLAS E ABREVIATURAS

UFSM Universidade Federal de Santa Maria

MEC Ministério da Educação

PI Piauí

RS Rio Grande do Sul

UNIVAP Universidade do Vale do Paraíba

CRAS Centro de Referência de Assistência Social

SARS-Cov-2 Severe Acute Respiratory Syndrome Corona Vírus 2

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CAMINHOS PARA A PRODUÇÃO DA VIDEODANÇA	15
2.1 REVISITAR MEMÓRIAS DO PROJETO RONDON.....	17
2.2 OS EFEITOS DA CAMINHA PELO RONDON NA MINHA CRIAÇÃO	23
3 ESTREIA: O PALCO DA VIDEODANÇA	30
CONCLUSÃO	31
REFERÊNCIAS.....	33

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui descrita trata de uma criação artística em dança a partir da minha experiência no projeto de extensão universitária (Projeto Rondon). A extensão universitária faz parte do tripé ensino, pesquisa e extensão que sustenta o pilar da universidade pública para garantir uma educação de qualidade que esteja dialogando com a sua sociedade.

A Extensão, via de regra, é o elo entre universidade e sociedade. *Locus* em que o conhecimento tanto acadêmico quanto científico entra em diálogo com a comunidade e o conhecimento popular buscando minimizar os impactos sociais daqueles que não têm acesso aos direitos mais básicos, como saúde, alimentação e educação; e fortalecendo as iniciativas da cadeia produtiva, das artes e dos movimentos sociais. (UFSM, 2019, p.1).

Desse modo a extensão universitária se mostra de extrema importância tanto para a comunidade quanto para o meio acadêmico promovendo intercâmbio de conhecimento. Para a comunidade acadêmica da Universidade Federal de Santa Maria é o ato de tornar híbrido o caminho que passa pelo arco da universidade, indo para além do mesmo e abrindo o campus para a comunidade. O próprio nome da avenida que dá acesso à universidade homenageia a extensão, como publicado no site da Revista Arco (2017, p.7) “Ela recebeu esse nome devido à parceria entre a UFSM e o estado de Roraima. Em 1969, o então reitor em exercício, Mariano da Rocha Filho, participou como conselheiro do Projeto Rondon”.

O projeto Rondon foi criado em 28 junho de 1968 durante a ditadura militar, também com a finalidade de promover a imagem militar. Conforme o Decreto de nº 62.927 foi estabelecido o “Grupo de Trabalho Projeto Rondon”, assim iniciaram as primeiras operações. O nome dado ao projeto é uma homenagem ao marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, sertanista brasileiro que dedicou a vida à causa indígena, como afirma Darcy Ribeiro:

O seu devotamento de mais de meio século à causa indígena fez dele a personificação da mesma causa. Colocando a serviço dela seu prestígio nacional duramente conquistado, de grande construtor de linhas telegráficas e de promotor das mais amplas pesquisas geográficas, geológicas, antropológicas, faunísticas e florísticas empreendidas em nosso país, ele conseguiu mais do que qualquer outro pudesse alcançar. (RIBEIRO, 2017, n.p.)

Marechal Rondon foi um humanista, importante figura para o Brasil, apesar de ser dialético e controverso, pois existe um contraponto colonizador em sua obra.

O projeto Rondon foi extinto em 1989, voltando apenas em 2004 como um projeto interministerial, incluindo: Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento; Ministério da Educação; Ministério da Cidadania; Ministério da Saúde; Ministério do Meio Ambiente; Ministério do Desenvolvimento Regional; e Secretaria de Governo da Presidência da República. Coordenado pelo Ministério da Defesa, a ação conta com os governos Estadual e Municipal, aberto para parceria com todas as Instituições de Ensino Superior, públicas ou privadas, reconhecidas pelo MEC.

Toda esta cadeia que forma o Projeto Rondon é responsável pela troca entre os universitários e as comunidades. Colaborando juntamente com líderes comunitários e autoridades municipais, o Guia do Rondonista (2020, p.4) destaca “a fim de contribuir com a construção da cidadania e com o desenvolvimento local sustentável, por meio de ações que melhorem a qualidade de vida da população local, a eficiência da gestão pública e das condições socioambientais e econômicas da comunidade. ” No entanto o projeto Rondon se trata de uma grande troca, como explica o próprio Guia do Rondonista:

O Projeto Rondon constitui uma oportunidade para os jovens universitários vivenciarem diferentes realidades do nosso Brasil, colocarem em prática o que aprenderam nas salas de aula e trocarem saberes. A partir da interação com a comunidade, os rondonistas retornam à instituição e refletem sobre a sua própria construção como estudantes cidadãos e como futuros profissionais comprometidos com a busca de soluções para os problemas nacionais. (BRASIL, 2020, p.4).

O projeto Rondon propicia uma experiência riquíssima de cidadania, cultura, diversidade e principalmente conhecimento sobre nosso país, o Brasil. A Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) foi selecionada para a Operação João de Barro que aconteceu no segundo semestre do ano de 2019 no estado do Piauí. No dia cinco de abril de 2019 é lançado o EDITAL N°022/2019 - PROGRAD/UFSM. Edital de Seleção de Estudantes para o Projeto Rondon (Operação João de Barro) em Santa Rosa do Piauí. No qual havia uma vaga para graduandos de Dança, licenciatura ou bacharelado, foi então que me inscrevi. Desde criança, no ensino fundamental já participava de projetos da escola, fui participante do movimento escoteiro. Essas vivências sempre me motivaram a ter diferentes experiências,

conhecer novas culturas, aprender e colaborar com a comunidade. Além desses fatores de formação pessoal, o meu contato com o estudo do balé se dá no projeto social Dançando Para Educar¹, o que sempre me fez pensar em todas as oportunidades de desenvolvimento que a dança me proporcionou, ir para o nordeste me motivou em todos estes aspectos, como se toda a minha trajetória tivesse me levado ao projeto Rondon. Durante a graduação em Dança tive inúmeros questionamentos sobre cultura e história do Brasil, ainda com receios sobre como seria a operação, se eu conseguiria desenvolver o projeto e se estava preparada para tamanha extensão universitária, pois ainda me encontrava na condição de aluna e ansiosa me preparando para estar em frente a uma população ministrando oficinas. Mergulhava em um processo de trabalho sobre minha autoconfiança para ir para fora do guarda-chuva protetor da universidade ainda que o projeto social de ballet já tivesse me dado experiências de dar aulas² e o movimento escoteiro tivesse me proporcionado inúmeros momentos de sair da zona de conforto. Tudo isso me deu bagagem experiencial, porém, o Projeto Rondon era algo novo, pois a única pessoa da área da cultura na equipe da UFSM seria eu.

Fui selecionada e após a seleção iniciamos os encontros, conheci minha equipe: O Professor Coordenador Gianfábio Pimentel Franco e o professor adjunto Leonardo Bigolin Jantsch, Daiana Cristina Wickert, Renato Vargas Fernandes e Jonata de Mello estudantes de Enfermagem responsáveis pela área da Saúde; Clara Rossatto Bohrz e Jéssica Reis da Silva estudantes de Direito e responsáveis pela área de Direitos Humanos e Justiça; Débora Pinheiro Pereira estudante de pedagogia e Geovana Silva Wertonge estudante de educação especial responsáveis pela área de educação; e eu estudante de dança responsável pela área da cultura. Os professores já haviam realizado a viagem precursora onde conheceram o quartel, o sargento que iria nos acompanhar, o município, a escola que ficaríamos alojados, as estruturas onde seriam realizadas as oficinas e como iria se estabelecer a dinâmica para a realização da operação. Todas essas informações são de suma importância para termos conhecimentos prévios sobre a comunidade e suas demandas. O projeto das oficinas já existia, no entanto fizemos alterações, cada um

¹ O projeto Dançando Para Educar tem seu início em 2009, criado por Beatriz Fonseca Isaia e apoiado pela Fundação Eny, com o objetivo de oportunizar a formação em balé para jovens, proporcionando ensinamentos como cidadania, desenvolvimento pessoal, integração sociocultural e formação biopsicossocial.

² Reitero que não sou licenciada em dança, no entanto ministrei aulas de balé a partir dos conhecimentos adquiridos no curso "Pedagogia da Dança".

em sua área com a colaboração dos colegas. Foi o primeiro momento que tive que jogar com o que já existia e o que conversava com o meu processo de formação no curso de dança, modifiquei alguns objetivos, metodologias e solicitei os materiais como tintas, tecidos, folhas de ofício, giz de cera, papel pardo e colchonetes para as oficinas.

A operação aconteceu do dia onze de julho de 2019 ao dia vinte e oito de julho de 2019. Sendo o dia onze de julho o período de deslocamento, os dias doze e treze de julho de preparação no 25º Batalhão de Caçadores em Teresina-PI, partindo no dia quatorze de julho para o município de Santa Rosa do Piauí-PI onde ficamos até o dia vinte e cinco de julho, quando retornamos para Teresina-PI e posteriormente no dia vinte e oito de julho desembarcamos novamente no Rio Grande do Sul chegando à Universidade Federal de Santa Maria.

Na bagagem muitas lembranças, experiências, novos saberes e perspectivas que irei compartilhar nesse trabalho de conclusão de curso e em minha produção artística, a criação de uma videodança. A escolha da videodança se deu por estarmos vivendo a pandemia causada pela SARS-Cov-2, na qual medidas de distanciamento social são tomadas acarretando períodos de quarentena, o que impossibilita aulas presenciais ou quaisquer apresentações artísticas que promovam aglomerações.

Para a construção dessa videodança foram utilizadas experimentações a partir de registros, vídeos, fotos, anotações, lembranças e memórias da minha experiência com o projeto Rondon. Dentre esse acervo pessoal encontram-se registros de paisagens, da população, das oficinas e dos municípios de Santa Rosa do Piauí. A criação a partir da própria experiência traz novas perspectivas, marcas singulares que se relacionam com todo um ambiente que eu vivenciei. Greiner traz que:

A própria noção de ambiente tornou-se mais complexa envolvendo não apenas o local onde algo acontece, mas todo contexto informacional referente ao ambiente cultural, político, biológico, psicológico e assim por diante. Esta complexidade parece ser o ponto de partida para as experiências do que se tem chamado de dramaturgia do corpo. (GREINER, 2009, p.180)

É um processo de criação que fala sobre parte da minha experiência e história a partir da minha leitura de mundo e como isso afeta a minha dança. A perspectiva

da videodança traz outras experimentações e investigações, existe uma emergência pela relação da dança com a tecnologia, a videodança se trata de um diálogo entre linguagens. Como afirma Wolff:

Pode-se pensar na videodança como o diálogo entre a dança e o vídeo cujo resultado gera um tipo de obra onde essas linguagens se tornam indissociáveis. Uma arte que existe apenas no vídeo e para o vídeo. Enfim, trata-se da materialização de um pensamento que integra as ideias do coreógrafo e do videomaker numa forma híbrida que não deixa distinções entre o vídeo e a coreografia. Mas essa é apenas uma das inúmeras leituras possíveis, pois encontramos variáveis a cada nova criação. (WOLFF, 2011, p.8)

A videodança apresenta uma forma híbrida entre a produção em dança e vídeo que conversam, se amalgamam entre si e trazem especificidades recorrentes de investigações e formas de explorar esses recursos. Sendo assim, o referido trabalho se trata de um processo criativo a partir da minha experiência no Projeto Rondon, visitando memórias, sentimentos, registros, vídeos e imagens; e então produzindo uma videodança como trabalho artístico para a conclusão do curso de Dança Bacharelado da Universidade Federal de Santa Maria. Me questiono: Que criação em videodança é possível a partir de minha experiência no projeto Rondon? Irei descrever como o projeto afetou a minha dança e relatar a minha experiência junto à comunidade, observando com cuidado o que reverbera em mim.

2 CAMINHOS PARA A PRODUÇÃO DA VIDEODANÇA

O presente estudo requer um processo criativo ligado a lembranças, para isso utilizei materiais do projeto Rondon, como registros fotográficos e gravações, meu acervo pessoal de mais de 700 itens. Além de presentes, desenhos, pinturas que ganhei e materiais produzidos durante as oficinas. Anotações pessoais, registros oficiais e números do projeto, para o processo criativo. Foram utilizadas músicas e paisagens que me trazem a lembrança da experiência do projeto Rondon. Todo esse material foi visitado constantemente para que a partir dele eu criasse movimentos, ações e verbos para a cena. Esse primeiro procedimento de criação durou dois meses.

Concomitante ao procedimento anterior foram investigados e testados estilos de imagens e cenários para a videodança. Então iniciaram os testes de gravações de vídeo para investigação de ângulos, luz, movimentações da câmera e registros do que já foi composto. Para a edição e para pensar nas inúmeras possibilidades de cada cena, contei com o trabalho de Milena Colognese³. Assim eu produzi as gravações com a colaboração de familiares e amigos, sempre respeitando os protocolos de distanciamento social e posteriormente analisamos as imagens.

Posteriormente às investigações citadas acima fiz a seleção de cenários, figurinos, ambientação, trilha sonora e movimentos para a cena. Então realizei as gravações oficiais com auxílio do meu irmão, um amigo e uma amiga, tendo em vista que não é possível deslocar um profissional devido à pandemia. Essa gravação levou duas semanas de planejamento e execução, sendo que três dias a cada semana foram dedicados para o presente estudo e foram utilizados de fato três dias para as gravações. Os dias restantes foram para a preparação do material como câmeras, cartão de memória, drive compartilhado, figurinos, visitação aos espaços das cenas e iluminação.

Após a captação das cenas foi feita a edição. A videodança contou com as cenas produzidas a partir do processo criativo e também gravações que fiz durante o período da operação João de Barro em Santa Rosa do Piauí. O trabalho de edição até a apresentação levou o período de 40 dias. Para produzir este trabalho organizei um cronograma incluindo a revisão teórica, por meio dela fui encontrando caminhos de discussão e reflexões sobre a minha experiência e as escolhas que tive durante o processo criativo.

Etapas	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev
Coleta de Material Teórico	X	X	X	X		
Revisar o acervo e criação	X	X				
Experimentações e gravações		X	X			
Escolha das cenas			X	X		
Gravações				X		

³ Licenciada em letras, Mestra em educação. Educadora, artista da dança, certificada em dança para gestantes e mães e bebês. Experiência em projetos sociais e culturais, Dança na comunidade, direção de espetáculos, videodanças e videoperformances.

Edição				X	X	
Escrita		X	X	X	X	
Escrita final					X	
Entrega da videodança					X	
Entrega do texto					X	
Defesa						X

2.1 REVISITAR MEMÓRIAS DO PROJETO RONDON

Lembro-me da primeira vez que ouvi falar sobre o Projeto Rondon, um amigo que cursou ciências biológicas comentou que foi uma experiência transformadora para ele que agregou muito em sua formação. Fiquei encantada com a proposta, vinha de encontro com meus anseios causados pelo movimento escoteiro, de aprender fazendo, trabalho em equipe, deixar o mundo melhor do que encontrou e envolvimento comunitário. No entanto o Projeto Rondon representava mais do que isso, pois se tratava de um projeto de extensão universitária que unia a minha formação e comunidades brasileiras, seria acima de tudo um grande intercâmbio de conhecimentos. Afinal, um país tão extenso e com uma diversidade de povos e culturas tem muito a ser estudado. Nesse sentido, ressalto, resultante do processo de colonização, que muito da cultura negra e indígena que compõem o Brasil foi subjugada e não reconhecida, o que formou como tendência que o considerado erudito ocupasse palcos, teatros e museus nas grandes cidades e centros.

É preciso se desprender das amarras daquilo que por muito tempo foi considerado pela sociedade as únicas formas de dançar, as codificações vindas de técnicas e processos de criação importados. Eu estudo balé desde os nove anos e essa técnica define bastante meus movimentos. Reforço que não se trata de desconsiderar estes, mas sim de ter espaço para desamarrar e então abrir o corpo para a experiência do popular, do cotidiano, de corpos que vivenciam diferentes espaços de nossas terras. Rodrigues (2019, p.29) “não é refutar as técnicas e as linguagens oficializadas, mas reavaliar sua imperativa utilização em detrimento dos demais aspectos do corpo. ” Embarcar para o projeto Rondon era antes de tudo, revisitar e repensar o que me constitui como bailarina e cidadã brasileira.

Durante a preparação com meus colegas e professores coordenador e adjunto revisamos oficinas, listamos materiais, conhecemos o município de Santa Rosa do Piauí por fotos e planejamos o local e horário de cada oficina. Foi também o momento de entender o funcionamento do projeto e seus objetivos. Cada operação contempla um estado, a operação João de Barro aconteceu no estado do Piauí, nordeste brasileiro, onde 12 municípios receberam os amarelinhos do Rondon, foram 252 rondonistas sendo 161 mulheres e 91 homens. Cada município recebeu duas instituições de ensino superior, a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), junto com a Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP) formaram as equipes que foram para Santa Rosa do Piauí. No total éramos dezesseis alunos, quatro professores e o “Anjo”, Sargento Jheykson Brendo Rodrigues Freitas que nos acompanhou durante toda a operação. Anjo é a maneira que os rondonistas chamam carinhosamente os militares que participam da operação.

Fotografia 1: Equipe



Fonte: Ana Júlia Rodrigues Nunes, Teresina-PI (2019)

O período no quartel foi marcado por uma grande expectativa de ir para os municípios. No quartel em Teresina conhecemos a culinária, artesanato, danças folclóricas e músicas. Já se sentia a troca de conhecimentos entre a população piauiense e os alunos das instituições de ensino superior de diversos lugares do Brasil. Comecei a perceber o tamanho e a importância do projeto a cada cerimônia e apresentação que acontecia, foi passada a história do projeto e a sensibilidade de que não estávamos lá apenas para ensinar, mas também para aprender com a

população. Existem imensidões de conhecimentos para além daquilo que é acadêmico. As discussões e produções em dança na atualidade ampliam visões muitas vezes centradas em balizas técnicas e vinculadas a conhecimentos acadêmicos, para levar em conta vivências do artista como um todo, ambientes, paisagens, contatos e memórias pessoais impregnadas no corpo como experiência, e assim propondo uma dança que aborda a si e a reflexões do viver no mundo. Afirma Greiner (2009, p.181) “É da natureza das experiências que marcam a história da dança, desde os anos 1960 e 1970 desafiar os padrões mentais e motores. ” Durante o século dezenove a dança vem trazendo reflexões que trazem o bailarino como criador, inúmeros coreógrafos passaram a solicitar ao bailarino, que anteriormente apenas representava, para que ele traga a sua história para a cena. O bailarino contemporâneo é desafiado a estar na cena não apenas com a técnica, mas também com aquilo que experienciou durante sua vida. A importante coreógrafa alemã Pina Bausch criou o método das perguntas e respostas, que faz questões e os bailarinos devem responder por ações como movimentos e textos a partir das suas vivências. Baldi (p.47, 2017) diz “nós somos, então, produto do que vivenciamos e vamos reverberar este ensinamento no nosso gesto, no nosso agir.” Logo, ir a campo e estar sujeito a vivenciar a si e ao outro traz experiências e marcas que formam o bailarino criador, que o instigam a refletir e levar para a sua dança discussões e pautas que fazem parte de si mesmo. Ou seja, vai além de representações do corpo e movimentos dados a ele e reproduzidos por ele sem investigações do mesmo.

Lembro das paisagens do caminho de Teresina até Santa Rosa do Piauí, era um horizonte de terra seca de cor vermelha alaranjada com plantas de galhos finos, cactos e ao fundo um céu azul. As paisagens corriam pela janela do ônibus, eu estava no sertão nordestino. De tempos em tempos se via uma árvore alta com frutos rosados. Ao chegar na estrada de chão batido depois de horas viajando ainda havia estrada pela frente, este país tem uma imensidão de vidas e histórias por cada canto. Passamos por uma ponte que cobria um rio quase seco, já estávamos em Santa Rosa do Piauí. O ônibus parou e havia várias pessoas nos aguardando na entrada da escola em que ficamos alojados, foi então que percebi que não estava preparada para receber tanto acolhimento e carinho, era um momento muito especial, pois o projeto Rondon é de fato um acontecimento no município. A nossa equipe era na verdade enorme e formada por um povo que estava ali para construir

junto. O senhor que cuidava da escola, as cozinheiras, os professores, os funcionários e funcionárias da prefeitura, articuladores e mobilizadores comunitários, todos de braços abertos tanto para dançar um forró como ir carpir na roça. Alojamos, montamos sala de estudos, painel de oficinas, mesa de compartilhamento para trabalharmos de maneira interdisciplinar.

Fomos a campo no dia 15 de julho, conhecer o município. Estava quente, as ruas de chão batido eram longas, os moradores em frente às suas casas nos recebiam e contavam causos. Um senhor contou sobre o milho que produzia, plantou três vezes até que vingasse e no fim só deu para o consumo próprio, mas que ele era feliz e nunca iria sair dali. Mulheres nos contaram sobre suas rotinas, teve uma em especial que me levou até sua horta onde aguava as plantas e temperos, o coentro que estava presente em todos os pratos. Ela tinha dois filhos, uma menina e um menino brincamos de jogar bola, de capoeira, de corrida, trocamos poucas palavras antes de brincarmos, foi a brincadeira que estabeleceu a primeira relação. Estabelece-se uma linguagem em comum pelo corpo que se movimenta em códigos de determinadas brincadeiras, um olhar que se esquiva, um molejo que comunica o jogo. Quando jogamos futebol foi com uma garrafa pet, uma colega minha convidou para jogar e as crianças falaram que não, pois não tinham bola, no entanto ao dominar a garrafa pet ela se transformou em uma bola e o convite para jogar foi aceito assim que o chute na garrafa pet aconteceu. Ao ir saindo para a rua já havia corridas sendo apostada com outros colegas e outras crianças. A brincadeira que se estabeleceu pela capoeira foi marcante, eu já estava quase partindo quando começamos, já de mochila nas costas aquele parecia um desafio colocado pelo menino que tinha uma linha tênue entre a brincadeira divertida e a brincadeira séria “os corpos se contaminam de múltiplas subjetividades. Dentre estas subjetividades, um devir criança se evidencia através da entrega dos corpos à brincadeira” (Morais, 2020, n.p.). Assim percebo que a brincadeira traz um corpo dançante que se comunica com o meu corpo e se mostra disponível para a prática do que eu vinha propor.

No entanto nesse mesmo período fui questionada, em uma conversa informal, pelos facilitadores do município sobre o que eu iria desenvolver e o que eu sabia dançar. Falei sobre minhas experiências, sobre o curso de Dança e o estudo do balé. Foi então que recebi a seguinte crítica do articulador de algumas das minhas oficinas: “o povo não vai dançar isso não, aqui só gostam de forró e funk”, foram

várias as perguntas e as insinuações que vieram, fiquei apreensiva, afinal apenas eu era questionada, os colegas das outras áreas não, e eu era a única representante da área de cultura. Procurei responder que eu iria trazer propostas que trabalhavam com o intercâmbio de conhecimentos. Percebi então que os questionamentos vinham por causa do meu corpo, meu modo de movimentar que carrega posturas de técnicas de danças. O estereótipo de bailarina construído durante séculos e que ainda carrega traços do romantismo, da bailarina ser aquela menina que usa tons de rosa, delicada e que executa passos de dança difíceis com leveza. Sapti traz:

Ligada ao mundo da imaginação e da fantasia por realizar proezas corporais diferenciadas daqueles que não dançam, a imagem da bailarina foi construída por meio de diversos marcadores sociais, culturais e políticos, que escreveram em seu corpo símbolos desta representação feminina, explicitada pela postura, gestos, movimentos, roupas e comportamentos. (SAPTI, WOLFF, p.273, 2018)

Este estereótipo de bailarina foi atribuído a mim em diversos momentos, este é o senso comum, o retrato da bailarina perfeita, ideal. Mostra-se algo pronto sem o caminho e o trabalho que essa profissão requer, desconsiderando a bailarina como pessoa que é capaz de transitar entre diversos diálogos que a dança e a sociedade propõem.

Além disso, percebi que de dança todo mundo entende um pouco e de repente eu chegava colocando nome para aquilo que era popular e orgânico. A Dança não é vista como uma área de conhecimento, mas sim como algo que é cotidiano, que festeja e celebra.

Durante as oficinas tive grandes processos de reflexões e aprendizagens. A primeira oficina que ministrei foi a de “Dança para o Público Geral” no Povoado Santana. Sentia-me ansiosa e apressada para que tudo funcionasse, chegamos na escola em que aconteceu a oficina e já estava cheia de participantes, dei espaço para que todos pudessem participar apesar da sala disponível ser pequena. Pedi para que tirassem os sapatos e criou-se certo desconforto, sentamo-nos em uma roda e eu fiz os seguintes questionamentos: “O que é dança? ”, “O que é cultura? ” “Qual a minha dança? ” Perguntas essas que foram abordadas durante as disciplinas de Dança do Brasil da graduação. As respostas vieram aos poucos ainda tímidas, trazendo o Forró, a Pisadinha, o Funk, e os sentimentos de felicidade, comemoração, festa e liberdade que a dança significava naquele momento. Fomos

para a prática, mas não estava funcionando muito bem. Minha abordagem de sentir o corpo, caminhar e abraçar não estava funcionando para todos os participantes. Foi então que percebi que cometi uma falha nesse primeiro contato. Eu não falei de onde vinha, o meu estado, o que era universidade, extensão universitária, curso de Dança e projeto Rondon. Eu era uma completa estranha de sotaque diferente vestindo amarelo. A partir do momento que me apresentei devidamente as coisas foram mudando, os jogos, rodas, cirandas e até exercícios de mobilidade ganharam espaço. Logo estávamos todos sentados mais próximos conversando sobre memória corporal, preconceitos e machismos que ocorriam com as meninas, meninos, homens e mulheres que dançavam. A objetificação do corpo da mulher era muito presente, foi uma questão vista por nossa equipe da UFSM composta por seis mulheres. Foi algo que nos comoveu bastante e fomos trabalhando, cada uma dentro de sua área na abordagem do tema. Eu, com a dança, falei sobre o respeito ao corpo, as memórias corporais e marcas de violências que ficam registradas no corpo, mente e a liberdade e o direito a dançar como uma expressão.

Ainda durante a conversa discutimos novamente o que era cultura, folclore e a dança de cada um. Então animados marcamos para durante apresentarmos as danças populares, eu apresentarei danças do Sul e eles apresentaram danças do Nordeste. Quando chegou a hora a escola estava cheia, além dos participantes da oficina a comunidade foi para assistir a grande festa que se tornou. Primeiro eu mostrei um pouco de danças gaúchas, dançamos e hibridamente com “aqui a gente faz assim” fomos chegando ao forró de xote, o forró universitário e a pisadinha. No início foi difícil e então fui desafiada a até o fim da operação a aprender o forró. O Xaxado, uma dança tradicional nordestina herdada do cangaço, foi apresentada e depois a quadrilha, esse foi um momento muito emocionante, pois observei a organicidade que aqueles rituais se organizaram. Percebi então uma cultura riquíssima passada organicamente entre todas as gerações ali presentes. Zoller (2014, p.30) ressalta “Ao conservar-se, geração após geração, num grupo humano, ele se tornou parte central da maneira de viver que definiu dali por diante nossa linhagem. ” Assim atuam as culturas que constituem o ser humano como grupo, as atividades são passadas por meio de conversações (ZOLLER, 2014, p.31) “todas as atividades humanas surgiram como conversações (redes de coordenações de coordenações comportamentais consensuais entrelaçadas com o emocional)” Então

determinada dança e modo de dançar faz parte da cultura de um grupo, o que fica explícito na comunidade de Santa Rosa do Piauí.

Conforme os dias se passavam mais aspectos da comunidade iam aparecendo e estávamos mais abertos para cada oficina que acontecia, eu percebi o que era escutar a comunidade e ia para as oficinas desprendida da ideia de concluir todo o roteiro e propostas que tinha programado, e mais aberta para construirmos juntos, assim como a comunidade estava mais disponível. Durante uma oficina de Dança para o Público Geral pediram para que eu apresentasse algo de balé, pois nunca tinham assistido ao vivo, então dancei a obra do repertório tradicional “A Morte do Cisne” de Michel Fokine adaptada por Beatriz Isaia em 2014. Foi um momento muito especial que resultou em fotos e vídeos que circularam pela comunidade que reivindicava uma oficina de ballet. O prefeito do município me solicitou pessoalmente durante um almoço falando que as crianças e jovens não tinham a oportunidade de aprender balé devido à distância da capital e ser um município tão pequeno, então ofertei a oficina de “Fundamentos do Ballet”. Mais tarde pensei sobre o balé, essa dança de corte que chegou para a elite brasileira e foi ganhando espaço, mas que eu só tive contato com a formação por meio de um projeto social.

Após a apresentação de balé, fomos retribuídos pela “Junina Rosa do Sertão”, quadrilha que contava uma história com cangaceiros, Maria Bonita, Lampião, Noiva, Noivo e Madrinha. Era um ritual festivo apresentado especialmente para nós, a Junina Rosa do Sertão é coreografada todo o ano por programas do Centro de Referência de Assistência Social (Cras) onde os jovens dançam e vão participar de festivais nordestinos de Quadrilhas. Me senti feliz ao ver a união, tão contagiante e a irreverência daquele povo que contava sua história e brincava com o sagrado e o profano.

2.2 OS EFEITOS DA CAMINHADA PELO RONDON NA MINHA CRIAÇÃO

É difícil descrever e encontrar em livros, dissertações e teses aquilo que se vive e se transforma diante de uma experiência como esta.

Foram experiências marcadas por uma diversidade de situações que me colocaram em diferentes posicionamentos diante do contexto vivido. Ofereci oficinas

e aulas de dança para comunidade, bem como para um público da educação especial, organização e divulgação de eventos, onde muitas reflexões sobre noção de identidade, sobre o fazer artístico formando sete oficinas, como algumas se repetiam em diferentes localidades foram dez oficinas ministradas totalizando 344 participantes. Essas experiências povoaram meus pensamentos e naturalmente reverberaram e reverberam até hoje no meu modo de pensar e fazer dança.

Desta forma, durante esse capítulo irei relatar quais reverberações e significações este trabalho tem para mim, criadora e intérprete. Ressaltando que a interpretação dos resultados da pesquisa em arte converge não para a univocidade, mas para a multivocidade. Considerando que, aqui, trata-se de um projeto acadêmico com caráter artístico. É interessante pensar que, além dos resultados apresentados por mim, cada interlocutor poderá proceder uma leitura subjetiva para analisar o resultado da pesquisa. “Diferentemente da ciência, a arte tem um caráter pessoal de interpretação, garantido pela plurissignificação da linguagem artística” (2006, p. 69).

Fotografia 2: Paisagem do sertão nordestino

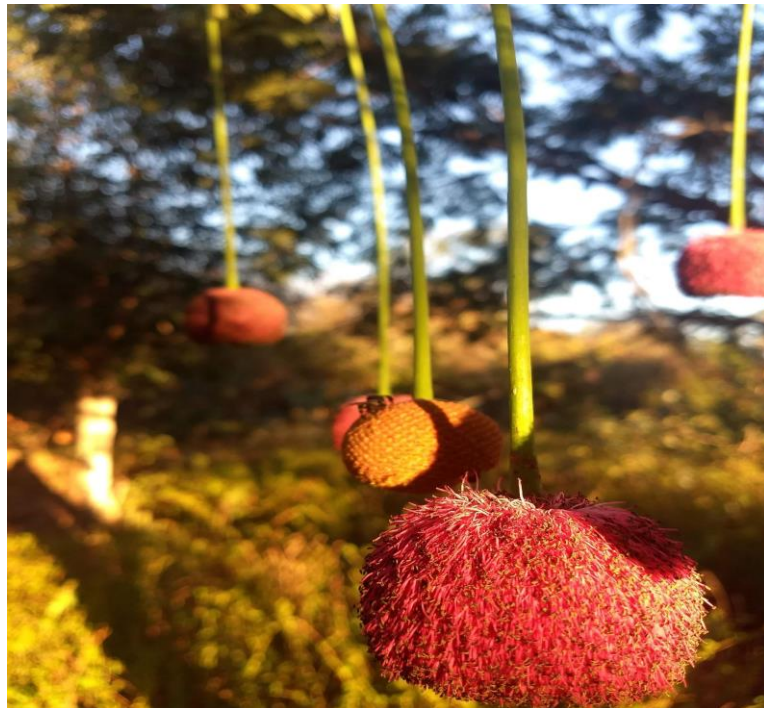


Fonte: Ana Júlia Rodrigues Nunes (2019)

O horizonte que formava a paisagem do sertão nordestino me marcou, a força que brotava daquela terra vermelha que quase não recebia água. É a terra de onde

o povo caminha sob o sol ardente e o céu azul com pequenas nuvens brancas. Lembro-me dos senhores e senhoras contando na oficina de Identidades sobre a roça, os instrumentos de plantio e colheita, a pala de couro que protege o vaqueiro e o chapéu de couro que protegia do sol. As farinhas de tapioca, a goma de cuscuz que eram levados para o almoço, típicos alimentos que comemos em Santa Rosa do Piauí. Essa terra me marcou muito, o ser humano vem da relação com a terra, a planta que nasce, a água que verte e que nos faz vivos. Sinto então que a terra não suja, ela nutre o corpo que dança. Essa relação com a terra se fez muito presente em meus processos de criação após o retorno da operação. As ações de sentir a terra no meu corpo e brincar com ela. Experimentar o toque da terra, as terras diferentes, mais escuras, mais claras, finas, grossas, as que formam grãos, terra úmida e terra seca. Como essa terra entra em contato com meu corpo e o que eu sinto. A terra me passa a sensação de fertilidade vinda do lugar da terra que dá vida e faz vida.

Fotografia 3: Frutos das árvores



Fonte: Ana Júlia Rodrigues Nunes (2019)

Essa imagem foi registrada durante o primeiro dia em Santa Rosa do Piauí. Ela me marca como um ponto de partida para vivência que viria pela frente. Ao ver de perto esta árvore, a mesma que eu vinha vendo durante a viagem de ônibus até Santa Rosa do Piauí era como um marco de chegada. Pensei então sobre a

imensidão do nosso país, os biomas e climas que é possível se ver aqui. Quantas vidas e histórias se passam por cada canto, eis a nação brasileira, formada por miscigenação, de povos nativos, escravizados, colonizadores, colonizados. Povo invadido por navegações, povo trazido à força e povo vindo com a promessa de uma vida melhor. Darcy Ribeiro no documentário “O povo brasileiro” traz a história desse povo que ocupa o território brasileiro, quais são os povos e suas origens que vieram para o Brasil e formam a identidade brasileira: matriz Tupi, matriz Afro e matriz Lusa.

Fotografia 4:Capoeira com o menino



Fonte: Ana Júlia Rodrigues Nunes (2019)

A capoeira e as brincadeiras, a partir dessa imagem de dois corpos que brincam e jogam, trouxeram para o meu corpo aquilo que se instaurou nesse momento, são corpos que se esquivam, se desafiam, afastam e se aproximam enquanto vão comunicando essa brincadeira séria

É como se nesse momento eu estivesse sem a desconfiança de estar na capoeira com o corpo codificado de uma bailarina, a qual eu sentia nas experimentações de capoeira durante a graduação. Com este menino eu senti que

estava tudo bem aquela brincadeira de errar e acertar. Sim, meu corpo carrega o ballet em seus movimentos, mas ele estava brincando sem insegurança, pois estava livre de julgamentos. Foi divertido, teve espaço e um ritmo tocado pelos nossos movimentos, meu e do menino.

Revisitei essa sensação durante o processo de criação da videodança, brinquei com a câmera pedindo para o meu irmão que gravava ir se movimentando interagindo comigo, experimentei movimentações que deixava a minha mão na frente do meu corpo em relação à câmera.

Fotografia 5: Desenhos



Fonte: Ana Júlia Rodrigues Nunes (2019)

Os desenhos. Na oficina de Teatro, arte, cena e expressão, desenvolvemos improvisações e jogos com movimentos, falas e propostas que aprendi durante as disciplinas da graduação, principalmente as de consciência corporal, danças do Brasil. Posteriormente iniciei uma proposta onde todos deitaram e eu fui dando indicações: pequenos movimentos nas articulações, sentir o corpo, o que estava sentindo naquele dia, imaginar a sua história, uma cor para a história, um local, imagens e sentimentos que ela tinha. Depois pedi para que fossem levantando devagar, ofereci tintas e tecidos para que utilizassem para contarem suas histórias. Foi muito divertido o processo de pintar, crianças e adultos estavam participando.

Fui observando os desenhos e a contação de histórias e apareceu muito a cor azul, a chuva, rios, peixes, árvores, pontes, flores, sol e casas. De crianças a adultos várias histórias envolviam rios cheios, sem seca, lugares com vegetação verde, coisas que não havia ali no sertão. Me contaram que em Santa Rosa do Piauí não ficam sem água porque o rio permite que a água escorra na maior parte do ano, mas que não tem água em abundância. Ganhei alguns desenhos e levei para mostrar para minhas colegas, as estudantes de pedagogia e educação especial, ficamos bastante comovidas com as mensagens que aqueles desenhos traziam.

Fiquei com essa experiência reverberando em mim, quando o avião pousou em Porto Alegre, uma das capitais mais arborizadas do país, eu observava a abundância de água nos rios, isso me trouxe muitos sentimentos que ainda não consegui assimilar. A água é fluida, os lençóis freáticos passam por baixo dos nossos pés e a água que circula em nosso corpo é vida assim como a terra. A terra e a água se misturam e formam o barro, fértil e hidratado que eu passo em minha pele e então revivo um corpo que brinca e é forte como aquele povo que tanto me ensinou.

Fotografia 6: Os forrós



Fonte: Ana Júlia Rodrigues Nunes (2019)

Teve muito forró, nas oficinas, nas comemorações e nas programações culturais dancei com pessoal de todas as idades, de crianças a idosos. Aos poucos fui pegando o jeito, os pés que se moviam rapidamente e o quadril que dava o

gingado. No meu processo criativo experimentei esses movimentos de pés e quadril procurando improvisações e variações possíveis sentindo as possibilidades do meu corpo. Os pés que se movem rapidamente no ritmo do forró em contato com o barro que se formou, o quadril estava muito presente nos movimentos e eu fui abrindo esse espaço para o meu corpo chegando em minhas escápulas dando a sensação de asas que se expandem em contato com aquele barro que cobre a minha pele.

Fotografia 7: Abraços:



Fonte: Ana Júlia Rodrigues Nunes (2019)

Os abraços. Esse ato tão cultural brasileiro se fez muito presente, era uma forma de eternizar aqueles laços que criamos durante aqueles dias. Recebi muito carinho e me senti grata. Sinto muita falta do povo de Santa Rosa do Piauí, do afeto e do carinho. Eu cheguei em Santa Rosa do Piauí ainda com algumas amarras até que entendi que era sobre escutar a demanda da vida, que as coisas só fazem sentido quando tocamos o coração do outro. Cada abraço foi tirando camadas de mim.

No meu processo de criação investiguei os sentimentos que resgato ao lembrar dessas recordações, de lágrimas de despedidas a lágrimas por estar vendo um Brasil tão desigual, um Brasil de norte a sul.

Ao gravar a videodança busquei estabelecer relações com a câmera hibridizando esta relação, Souza (2008) fala que mesmo tendo duas linguagens, a dança e o vídeo, a videodança é uma nova linguagem com suas especificidades.

(n.p.) Busquei trazer recortes para dar mais atenção naquilo que eu gostaria de mostrar, como os pés, o quadril, as mãos e as escápulas. Na edição propus imagens sobrepostas para dar sensações de preenchimento, danças que reverberam e conversam entre elas e com a câmera ao mesmo tempo. Também utilizei imagens capturadas durante a viagem à Santa Rosa do Piauí que mostram a paisagem pela janela do ônibus.

Os diálogos que tive com meus amigos foi bastante importante, dirigindo e mostrando como gostaria que as imagens fossem capturadas. Buscamos trazer uma diversão para o ambiente de gravação, levando em conta que eu estava propondo uma brincadeira com a câmera e aquele barro que me contaminava de danças.

A escolha do local e da luz foi pensada até eu encontrar uma terra que me remetesse à sensação de solo quente. Decidi por usar a água somente para fazer o barro e não a trazer como mais um elemento do ambiente. Investiguei a luz em diferentes horários do dia, até que percebi que para alguma cena - as cenas iniciais - era melhor o sol que levantava do Leste, ao passo que para as movimentações do final do vídeo eu precisava de um sol que se punha no oeste. A música surgiu através de pesquisas, então cheguei ao grupo Quinteto Armorial com a música "Ponteio Acutilado", pois ela retrata a minha proposta e na edição conversou com os cortes e movimentos.

3 ESTREIA: O PALCO DA VIDEODANÇA

A estreia da videodança aconteceu às 19 horas 15 min do dia 29 de janeiro de 2021 em transmissão no YouTube. Foi um momento muito especial para mim, senti como se tivesse para entrar no palco, no entanto percebi uma diferença. Quando estamos para entrar no palco acontece uma organização corporal para que a cena seja executada e sustentada. Já no caso de videodança a obra já está dançada em vídeo que será reproduzido em uma plataforma. Dessa forma então percebo que meu corpo se permite sentir mais a euforia, durante a exibição. Quando encerrou, imediatamente recebi muitas mensagens que me parabenizaram, era como se eu fosse abraçada pelo público. A sensibilidade de retornos me comoveu com falas que comentavam sobre a minha relação com o barro, e me verem com uma linguagem corporal diferente daquela que eu ingressei no curso. As pernas, as

escápuas e as minhas expressões de brincadeira foram bastante comentadas. Fiquei bastante satisfeita com o resultado que tive, o quanto cresci com o processo criativo.

CONCLUSÃO

O desfecho de todo esse processo me mostra que ir a campo e estar disposta a sair do guarda-chuva protetor da universidade me trouxe novas perspectivas. Eu, a bailarina que chegou no Projeto Rondon, tomei consciência social, desse país que tem riquezas e misérias, não apenas lá no Nordeste, mas a cada canto desse vasto país existe desigualdade social, assim como a riqueza de um povo com histórias e culturas. Aprendi muito com a comunidade sobre escutar, estar disponível para as múltiplas relações de aprendizagem que podem se estabelecer em simples trocas por meio de diferentes linguagens. Gestos, falas, afetos, danças que me comunicaram novas observações sobre a sociedade e o meu corpo enquanto criadora e intérprete. Entre minhas anotações encontrei um texto que escrevi enquanto retornava da operação João de Barro e mais tarde publiquei em minhas redes sociais:

Nos últimos dias andei pelo sertão nordestino...quando entrei na universidade me falaram sobre os três pilares: ensino, pesquisa e extensão. Imaginava eu que dentro da minha bolha atrás do arco da UFSM se falava sobre as maiores verdades, se entendia o mundo e todos seus questionamentos.

Não serei injusta de falar que planejei os passos, as coisas aconteceram e sonhos que vieram antes de mim me fizeram ser Rondonista e viver a extensão universitária.

Jamais caberá em palavras o que é ser um amarelinho do Rondon, é sobre vida. Eu pensei que tinha me preparado, mas quando se chega no sertão e vê que não tá preparado nem para receber tanto carinho e amor, eu dou mil passos para trás e percebo que o que tenho para falar é nada perto do que tenho para aprender. Que escutar o outro não é somente sobre falas, mas por expressões, por receios e sorrisos, é sentir o calor, a terra, o semiárido e entender que o mundo é diverso demais para caber em livros.

Eu cheguei cheia de marra que eu nem imaginava ter até entender que se tratava de escutar demanda da vida, que o coração explode de gratidão e que as coisas fazem sentido quando tocamos no coração do outro.

Santa Rosa do Piauí, povo Santa Rosense milhares de obrigada por tudo, pelo carinho, pela atenção, por acreditarem e me ensinarem tanto sobre a vida e o mundo, por me mostrarem a grandiosidade dos atos mais simples. Não esqueçam dos pontinhos amarelos que um dia passaram ai, que plantaram com vcs as sementinhas que vocês irão cultivar. Eu já estou com saudades, os olhos enchem de lágrimas intercalados com sorrisos. Obrigada por cruzarem meu caminho. (ACERVO PESSOAL, 2019)

Estas palavras reverberam em mim durante este processo e hoje, após o trabalho de conclusão de curso, se torna evidente para mim o quanto esta experiência me tocou corporalmente, sinto novas possibilidades em meu corpo de buscar caminhos e movimentações. As lembranças corporais são potência para a

criação em dança e se fazem presente no meu fazer artístico. A produção da videodança me abriu novos olhares para pensar a dança como produção artística. Trata-se de uma variedade de pontos de vista e linguagens de movimento que eu passo a ter maior interesse para futuros trabalhos. Além de ser um material que pode chegar ao povo de Santa Rosa do Piauí, mantemos contato desde a operação sempre com o coração cheio de saudade e gratidão, foi muito emocionante eu poder compartilhar com as pessoas que fizeram parte desta história, meus amigos nordestinos e meus amigos rondonistas

Percebo que a graduação em Dança Bacharelado me deu um embasamento fundamental para esta experiência, pois ela me trouxe novos olhares para a dança que me fizeram esta bailarina que reflete e constrói com e a partir da dança. Os procedimentos de criação que utilizei também me trouxeram novas visões e questionamentos, pensando nos diferentes experimentos que proporcionaram uma gama de possibilidades diversas de criação e produção artística. A extensão universitária se faz necessária para a formação dos graduandos de Dança, se trata de aprender o que está para além da universidade. Dessa forma, desperto para, a importância em prezar por um olhar cuidadoso para tudo aquilo que pode ser potencializado quando nos movimentamos em dança. Somos pertencentes a nossa história e, portanto, singulares em nossa arte.

REFERÊNCIAS

- BALDI, N. C. Es(ins)critas do corpo dançante: narrativas singulares e plurais. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, v. 02, n. 04, p. 41–56, 2017.
- BALDI, N. C. et al. Corpos Singulares: Autobiografia, Decolonialidade E Educação Somática No Ensino Da Dança. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 6, n. 1, p. 184–203, 2020.
- GREINER, Christine. **O corpo e suas paisagens de risco: dança/performance no Brasil**. Artefilosofia, Ouro Preto-MG , n.7, p.180 - 185, 2009.
- BRASIL. Guia do Rondonista. Coordenação-Geral do Projeto Rondon. **Esplanada dos Ministérios – Bloco Q – Protocolo Brasília - DF**, 2020.
- ZOLLER, Gerda. **Amar e brincar: Fundamentos esquecidos do humano**. Palas Athena. 2014
- MORAES, Petícia c. **Corponegociações: dança, brincadeira e improvisação no coco de roda**. Editora Dialética, eBook Kindle, 2020.
- RIBEIRO, Dancy. **Cândido Mariano da Silva Rondon**. Editora Global, 2017.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**, documentário, 2001.
- RODRIGUES, G. Bailarino **Pesquisador Intérprete**. 3º edição. Lauro de Freitas: Editora Solisluna. 2018.
- SAPTI, M. Repensando a construção do corpo da bailarina da caixinha de música por meio de um processo de criação coletiva em uma ONG de Santa Maria–RS. **Revista Científica/FAP**, v. 18, n. 01, p. 270–289, 2018.
- SOUZA, Isabel Carvalho. Especificidades da Videodança: o hibridismo, experiência tecnestésica e individualidade no trabalho de jovens criadores brasileiros, **Revista e-Com**, 2008,
- UFSM. Universidade e sociedade protagonismo da extensão UFSM 2018-1019. **Revista Pró Reitoria de Extensão**, 2019.
- UFSM. **Você sabe por que o principal acesso ao campus sede da UFSM se chama avenida Roraima?** Santa Maria, 2017 Disponível em: <https://www.ufsm.br/midias/arco/voce-sabe-por-que-o-principal-acesso-ao-campus-sede-da-ufsm-se-chama-avenida-roraima/> Acesso: 4 de janeiro de 2021
- WOLFF, Silvia S. William Forsythe e a Dessacralização do ballet no espaço urbano. **Revista Cena**. UFRGS. , v.9, p.1 - 16, 2011.

ZAMBONI, Silvio. **Pesquisa em arte**. Campinas: Autores Associados, 2006.